Para os meus filhos, Finn e Hazel

Há uma terra de vivos e uma terra de mortos e a ponte é o amor,
o único sobrevivente, o único significado.

— THORNTON WILDER, *A PONTE DE SAN LUIS REY*

ROWAN

Odiei a minha mãe durante a maior parte da minha vida, mas é o rosto dela que vejo enquanto me afogo.

O rosto que vejo quando acordo do afogamento é diferente. É áspero, mordido pelo vento e rugoso. É para ele que estou a olhar quando a dor súbita me invade, e sei que a imagem dele será para sempre uma só com esta dor. Sempre que vir este rosto, lembrar-me-ei da picada ardente de ser arrastada sobre as rochas e esfolada, descarnada, sentirei a pressão explosiva no meu peito; a sensação será tão vívida como se estivesse a acontecer tudo de novo. O seu rosto, um regresso. Um afogamento.

FEN

Ela chega com a tempestade, envolta num emaranhado de madeira à deriva. A rapariga vê-a por entre as focas. Abre caminho por entre os seus corpos gordos e adormecidos e dirige-se para a linha ondulante da água. As ondas agitadas trazem o amontoado para mais perto, acompanhando a maré. Uma forma de branco leitoso iluminada pela lua. Um ombro, pensa ela. E algas como cabelo. Uma mão delicadamente pousada sobre madeira.

A rapariga entra no rugido negro. Mergulha e nada. Agarra esta coisa bulbosa para a ajudar a libertar-se. Quando os seus pés tocam na areia, ela levanta-se, arrastando a madeira atrás de si. A ondulação bate-lhe nas coxas e nas ancas, mas ela sabe como se mover com a água para não ser derrubada. Prepara-se o tempo todo para algo terrível. Algo alterador. Mas uma última onda empurra o emaranhado para a praia e a rapariga abre a cortina de algas para revelar um rosto, que não está inchado, azul nem mordiscado; está a respirar.

A rapariga chama-se Fen e ela vive aqui agora, neste pedaço de costa exposta com as pardelas, os pinguins e as focas. Há muito tempo que não sobe a colina, onde a sua família vive no farol. Não gosta de deixar o mar. Mas esta noite… a tempestade, a mulher. Os relâmpagos no horizonte e a chuva que ouve aproximar-se rapidamente. Ela pensa por um instante e, em vez de tentar libertar o corpo, arrasta toda a madeira pela areia negra, o mais longe que consegue. Permite-se olhar

novamente para este rosto, para esta criatura trazida de um mar demasiado vasto para compreender. Um presente para eles ou algo rejeitado? E então Fen corre.

Este é um lugar de tempestades, mas *esta* tempestade, esta será a pior que eles já enfrentaram desde que chegaram aqui. Ela sabe-o assim que chega ao topo da colina e se depara com o vento. Quase a levanta do chão. Ao longe, consegue ver as luzes do edifício. Uma forma branca voa de ponta a ponta: um lençol do estendal. Todos sabem que não se deve pendurar coisas durante a noite; alguém se vai meter em sarilhos por causa do lençol perdido. Atrás deste, um dos carrinhos de ferramentas cai pela relva, é levantado das rodas e despejado de novo, derramando o conteúdo, e isto — estes objetos preciosos deixados para trás — é ainda pior do que o lençol.

No final, ela não tem de correr até à casa. O pai tem estado a vigiar e, assim que a vê a subir a colina, começa a correr. Encontram-se no escuro, no caminho para a praia. Mesmo o seu tamanho considerável não é nada contra este vento, e ele está completamente curvado enquanto a encaminha para casa.

— Para! — grita ela. — Pai! Precisamos do Raff.

— Estou aqui — diz o irmão, materializando-se para a segurar do outro lado com braços quase tão grandes como os do pai, ambos a apressarem-na em frente.

— Esperem! — diz Fen, sabendo que o tempo agora será dividido em antes e depois. — Está ali uma mulher.

DOMINIC

Não é suposto haver favoritos, mas o meu mais novo assim é. Apenas por um fio de cabelo e com uma arma apontada à minha cabeça. Se eu tivesse mesmo de responder. E não é por sermos mais parecidos: isso sou eu e o meu mais velho. E não porque somos menos parecidos: isso sou eu e a minha filha. Talvez seja porque ele é curioso, gentil e tão inteligente que traz lágrimas aos olhos. Talvez seja porque ele sussurra ao vento e ouve a resposta deste. Muito provavelmente, não sei porquê. Mas também pode ser porque, por um breve momento, há muito tempo, desejei que ele morresse.

Deixo o meu filho mais novo seguro e aconchegado na cama; ele é demasiado pequeno para ser levado para a tempestade, embora prefira não ser deixado para trás. A chuva chegou, e eu sigo os meus dois filhos mais velhos até à praia. As focas retiraram-se sob as ondas. Os pinguins estão amontoados nos seus ninhos. O Raff e eu levantamos a mulher entre nós e voltamos a subir o longo e sinuoso trilho. Não há árvores para nos abrigarmos; não há nenhuma na ilha, apenas montículos de erva prateada e uma passagem que se torna mais lenta a cada passo contra o vento. Grita-nos aos ouvidos. Neste tipo de tempestade, corremos o risco de ser derrubados de volta ao fundo da colina.

— Continua, companheiro — digo, e à minha frente o Raff assim faz, obstinado.

A minha filha diz que a mulher estava a respirar. Que, de alguma forma, ela estava a respirar, e eu sei que a Fen está silenciosamente a incitá-la a aguentar-se, que está a usar toda a sua vontade para que este corpo se agarre à vida. Eu tenho menos esperança, mas também suspeito que para ter chegado tão longe, para ter sobrevivido num oceano tão selvagem, ela deve ser forte, esta mulher.

Já vi um corpo ser levado pelo mar, e o seu estado livra um homem de qualquer arrogância. Somos sobriamente fracos sob o seu martelo. Esta mulher, entregue por tal mar — um mais poderoso do que a maioria — está a agarrar-se com uma resistência desconcertante. Foi aberta por todo o seu lado esquerdo, e não consigo imaginar como é que não há água nos seus pulmões, mas a minha primeira preocupação é a hipotermia; a sua respiração e o seu ritmo cardíaco parecem muito lentos.

De volta a casa, os meus três filhos e eu tiramos cuidadosamente as roupas da mulher, o que resta delas. Eu ponho o Orly a tirar os sapatos e as meias e deixo que o Raff e a Fen me ajudem com o resto, mantendo apenas a roupa interior intacta. A Fen despe-se também. «Não é preciso», digo. E, sem uma palavra, ela sobe para a cama para se enrolar à volta desta estranha. É a única maneira de a aquecer. Os meus rapazes e eu colocamos cobertores sobre elas e controlamos a temperatura da mulher. Sobe lentamente. As horas passam enquanto pairamos sobre ela, observando e esperando, e pergunto-me em que é que a minha filha pensa enquanto usa o seu corpo desta forma, para salvar outra pessoa.

Mais tarde, quando a mulher parece estar suficientemente quente e acho que já não podemos adiar mais, a Fen veste-se. Há sangue nos lençóis e na pele dela. Ela finge que não repara. Nós dedicamo-nos a tratar as feridas, usando pinças para arrancar cuidadosamente fragmentos de tecido. Os membros da mulher são esguios e fortes, a cabeça está rapada. O rosto, para o qual mal olhei, é delgado e anguloso. O maxilar forte cerra os dentes. Assim que ela está livre de restos e detritos, coso as piores feridas, com os meus dedos demasiado grandes para serem algo mais do que desajeitados. Aplicamos desinfetante nos arranhões e depois

toda a gaze que temos antes de enfaixar o corpo. Agora há febre: ela está a escaldar ao toque. Faz sons que nos assustam a todos e caio em mim, mandando o meu filho de nove anos sair da divisão. Ele protesta, quer ajudar, e eu sei que ele tem mais medo da tempestade do que dos ruídos desta mulher. Eu cedo, deixo-o ficar. Esta parece ser uma noite para estarmos juntos.

Sentamo-nos com ela e testemunhamos os seus tremores. Lá fora, a tempestade é violenta. Quando as janelas abanam, o Orly choraminga, mas as velhas pedras mantêm-se firmes. Cá dentro, o mar continua a lutar por ela, mantendo-a na sua posse. Penso, nas horas mais sombrias, que mesmo que ela sobreviva a esta noite, o oceano tê-la-á de volta um dia.

DOMINIC

Trouxe os meus filhos para a ilha Shearwater há oito anos. Não estava à espera que a ilha parecesse tão assombrada, mas durante centenas de anos o farol onde vivemos foi um farol para os homens que construíram as suas vidas com base no sangue das criaturas do mundo. O entulho desses marinheiros e baleeiros permanece até hoje, descartado ao longo dos trechos solitários da costa negra e nas colinas prateadas e cintilantes. A primeira vez que o Orly admitiu que conseguia ouvir as vozes, todos os sussurros dos animais mortos nesta terra — incluindo, para piorar ainda mais as coisas, uma *espécie* inteira de foca dizimada por completo com pancadas na cabeça —, pensei seriamente em levar os meus filhos para longe daqui. Mas foi o meu fantasma que me disse que estas vozes podiam ser uma dádiva. Uma forma de recordar, que certamente *alguém* deveria recordar. Não sei se esse fardo deve recair sobre uma criança, mas aqui estamos, ficámos, e acho que, na verdade, a minha mulher tinha razão, acho que os animais trazem conforto ao meu filho.

Na maior parte do tempo, este lugar é tranquilo. Uma vida de tarefas simples, de rotinas quotidianas, de relva e colinas e mar e céu. Uma vida de vento e chuva e nevoeiro e sorrisos amontoados à volta de um aquecedor e de livros lidos todas as noites. De mãos a apertar uma caneca de chocolate quente ou a inclinação de uma cabeça contra o clima, de roupas molhadas atiradas para fora da porta e de tentar distinguir, à distância, um pardelão-gigante de um albatroz. De comida congelada e, por vezes, de filmes descarregados e trabalhos escolares e

treino e música. Do rugido gorgolejante de um elefante-marinho ou da pose de banana de um lobo-marinho, das sobrancelhas cor de laranja extravagantes da última colónia de pinguins-reais do mundo. De sementes. De ser pai. De lutar constantemente com o que lhes contar sobre o mundo que deixámos para trás.

Navios vêm de vez em quando para trazer mantimentos e cientistas. Apesar das suas maravilhas, Shearwater não é uma ilha turística: é demasiado remota, demasiado difícil de alcançar. Quase ninguém vem aqui, exceto meia dúzia de investigadores que estudam a vida selvagem, o clima e as marés. Garantidamente, as pessoas não chegam aqui trazidas pelo mar. Estou a ter dificuldade em perceber como é que ela está viva — o oceano à nossa volta é perigoso e muito frio, e não há terra por muitos milhares de quilómetros. Ela deve ter vindo de um barco, mas não faz sentido que haja um barco suficientemente perto da nossa costa. O navio de abastecimento só chega daqui a semanas e os únicos navios que passam por aqui estão muito longe no mar, seguindo a passagem para sul até à Antártida, e sair de um desses navios significaria morte certa. A não ser, claro, que o barco dela estivesse a vir para cá, para Shearwater.

De manhã, eu e o Raff avaliamos os estragos. As caleiras caíram e a água entrou por baixo das portas, mas o nosso farol aguentou-se bem, mesmo perante tamanha agressão. As fontes de energia não podem dizer o mesmo. O meu filho e eu subimos a colina para ver que as duas turbinas eólicas se soltaram completamente dos seus poços. Uma delas está tombada, a centenas de metros de distância — foi levada pelo vento —, enquanto a outra se projeta para fora do solo numa saudação à sua própria destruição. As células solares estão riscadas e o telhado do barracão foi levantado e arrancado, deixando as baterias no interior a serem absolutamente arrasadas. Vou ter de substituir o telhado, mas, por agora, colocámos uma lona para tentar proteger as restantes baterias — seria demasiado complexo deslocar e voltar a ligar todos os cabos. De qualquer forma, metade delas estão estragadas. A outra metade tem alguma energia armazenada, e esta terá de se estender por muito tempo.

Sobreviver em lugares remotos tem tudo que ver com a criação de contingências. Se uma coisa se estraga, há outra opção para tomar o seu lugar. Nunca me ocorreu que todas as células solares, metade das baterias e as duas turbinas eólicas pudessem avariar ao mesmo tempo.

— Ainda temos o gasóleo — diz o Raff enquanto caminhamos para casa. Não consigo ouvir qualquer medo nele, apenas um tipo de preocupação focada.

Uma coisa de que não podemos prescindir é o aquecimento. Não sei se sobreviveríamos ao tipo de frio que vai estar sem aquecimento. Normalmente, entraríamos imediatamente em contacto com o continente pelo rádio, a pedir ajuda. Reparadores, peças novas, mais gasolina, mais gasóleo. Mas não dá.

O Raff e eu caminhamos para casa ao longo do promontório. Não há uma verdadeira razão para o fazermos, mas deixo-o guiar o caminho e os seus pés guiam-no frequentemente até aqui. Shearwater é comprida e estreita e está dividida em duas partes: a parte norte é montanhosa e quase inexplorada, e a parte sul é mais pequena e convidativa. É aqui que foram colocados os vários edifícios, incluindo o nosso farol, as cabanas de campo, a estação de comunicações e o banco de sementes. Há uma faixa de terra que une os dois lados, um istmo, de forma estreita e de baixa altitude. Chamamos-lhe o istmo e é onde se situa a estação de investigação. A estação é constituída por vários contentores de transporte brancos e compridos, feitos de alumínio para não enferrujarem com o ar salgado, bem como por várias cabanas de madeira. Uma miscelânea de dezassete pequenos edifícios construídos ao longo de muitas décadas. Um refeitório e uma cozinha. Os laboratórios. Um hospital. O armazém. Os quartos. Até há pouco tempo, uma comunidade fervilhante de pessoas, o istmo contém agora uma coleção de edifícios vazios. E ainda bem, porque há água a bater nas paredes e nas portas. A estação de investigação parece estar a flutuar num lago.

— Que inferno! — diz o Raff.

A maré alta nunca esteve tão alta antes.

Estou abalado, mas não vou deixar que ele se aperceba.

Ainda temos algum gás para cozinhar e aquecer água manualmente, e gasóleo para o gerador que mantém o congelador a funcionar para que os alimentos que nos restam não se estraguem, mas tudo o resto está a ser desligado. Acabaram-se as luzes, os computadores, os carregadores de telemóvel e a aparelhagem, a máquina de lavar roupa e o aspirador, as ferramentas elétricas. Os miúdos não se queixam quando lhes digo; manter esta casa a funcionar é um exercício interminável de resolução de problemas, e eles compreendem isso. O que me preocupa é a energia do banco de sementes em South Beach, e se também já não está a funcionar. Ponho o Raff a reparar as caleiras danificadas e faço uma mala para passar a noite fora. É uma caminhada de dez quilómetros para sul até ao banco, por isso vou passar a noite numa das cabanas de investigação de campo lá em baixo.

Primeiro, olho para a mulher. O Orly está empoleirado na ponta da cama, a ler para ela um livro sobre plantas que a sua mente espantosa sem dúvida memorizou. Ele mal saiu do lado dela desde que a trouxemos.

— Como é que ela está? — Afundo-me na cadeira junto à janela.

Ele encolhe os ombros.

— Parece-me bem. Está a respirar.

— Não tens de ficar aqui.

— Eu sei. — Ele mexe no canto da página, dobrando-a e depois alisando-a. — Mas parece-me que alguém deveria estar aqui quando ela acordar.

Penso em quanto lhe devo contar sobre os meus receios em relação ao banco. No final, digo apenas:

— Vou passar a noite a sul.

— Posso ir?

— Desta vez não, companheiro.

A mulher murmura qualquer e, apesar de não estar morta, há algo de antinatural nisso. Um cadáver reanimado. A sua mão, os seus longos dedos, cerram-se num punho, depois relaxam.

— Não te prendas muito a isso — digo ao Orly.

— Ao quê?

— Ao facto de ela estar viva. Pode não sobreviver. Percebes?

— Sim. — Ele estuda a cara dela, eu estudo a dele. — É só que… porque é que ela não está a acordar?

— Não sei, companheiro. Ela nadou um longo caminho. Talvez ainda esteja a nadar.

O Banco Global de Sementes da Ilha Shearwater foi construído para resistir a tudo o que o mundo lhe pudesse atirar; foi concebido para durar mais do que a humanidade, para aguentar no futuro, no caso de um dia as pessoas precisarem de voltar a cultivar a partir do zero os alimentos que nos sustentam. A maior parte deles são meros grãos. Pequenos pontos pretos. Não passam disso. Estes tesouros que mantemos enterrados em caixas no subsolo, aqui no fim do mundo. A última esperança da sua espécie, mas também da nossa espécie.

A ideia é grandiosa: salvar a humanidade. Mas, com toda a honestidade, não foi por isso que viemos para cá. Eu precisava de um emprego, e precisava que fosse longe. O propósito veio mais tarde; na verdade, veio quando o meu filho mais novo reconheceu a sua magnitude.

Embora o banco de sementes seja propriedade das Nações Unidas, a sua gestão foi atribuída ao Serviço de Parques e Vida Selvagem da Tasmânia, que também gere a reserva natural da ilha, bem como a estação de investigação — a Ilha Shearwater pertence à Austrália em virtude da sua localização. Fui contratado como zelador de todos os edifícios desta ilha, incluindo o enorme banco, ou cofre, congelado no extremo sul, e por isso, no início, quando chegámos, fazia muitas vezes a viagem para atravessar a ilha. Como ele era muito pequeno, não tinha outra opção senão levar o Orly comigo, e ressentia-me dessas caminhadas regulares, quando podia estar a tratar da manutenção da estação de investigação ou do farol. Mas à medida que o Orly crescia, ele explorava enquanto caminhávamos, tocando, cheirando e apanhando, e à medida que aprendia a falar, dizia os nomes das plantas que víamos, e depois das sementes que estávamos ali para visitar, e eu comecei a ver, através dos seus olhos, que de facto este trabalho era *importante*. Comecei a imaginar a utilização destas sementes, imaginei o mundo que iria precisar delas. Sentia-me melhor por estar aqui, na ilha que protegia esta última esperança, do que num continente que precisaria

de ser salvo. E a cada perigo que se abatia sobre Shearwater, a cada luta, eu pensava: pelo menos não estamos lá, a lidar com incêndios, inundações, escassez de alimentos e tudo o resto.

Pelo menos estamos aqui, num lugar que parece hostil até olharmos mais de perto. Até começarmos a ver a sua beleza e a sua ternura. Até vermos a sua abundância escondida.

Eu nunca tinha amado um lugar antes de virmos para cá.

E agora acabou. O banco de sementes vai ser fechado. Era para durar para sempre, e agora estamos a separar e a embalar as sementes para o transporte e, dentro de pouco menos de dois meses, também nós partiremos, com todos os pequenos e sortudos grãozinhos suficientemente importantes para serem escolhidos para a relocalização.

O túnel está seco, sempre. Tem de estar: faz parte de como foi projetado. Exceto que hoje, quando entro na boca da longa descida, as minhas botas chapinham. Paro e olho para a escuridão. A possibilidade faz-me arrepiar os pelos dos braços. Não pode ser.

Mergulho na terra, na câmara subterrânea, na sua porta selada a vácuo. Como a porta de um frigorífico. Se a água tivesse passado por baixo dela, enfrentaríamos sérios problemas, mas não passou, e lembro-me de respirar. Então é só o túnel, está tudo bem. Vai ficar tudo bem. Dentro do cofre ainda está seco. Mas quando verifico o indicador de temperatura, os meus receios confirmam-se. As luzes estão a funcionar, mas o sistema de refrigeração entrou em curto-circuito. Já está um grau mais quente do que deveria estar aqui dentro.

Deixaram-nos bem claro que manter as sementes seguras é mais importante do que mantermo-nos seguros. Silenciosamente, bem no fundo de mim, considero se poderia deixar milhares de espécies extinguirem-se para salvar a vida dos meus três filhos. Se eu redirecionasse a energia que usamos para aquecer o farol, talvez ganhasse um pouco mais de tempo para as sementes. Mas a resposta é fácil, e acho que não deviam ter enviado um homem com filhos. Esse homem nunca faria a escolha que eles querem que faça.

Instalo uma bomba no túnel, desenrolando o longo tubo escuro até que ele serpenteia para fora da abertura e para a luz do dia. Se o nível

da água atingir uma certa altura, a bomba liga-se automaticamente. De seguida, percorro cada um dos trinta corredores do cofre. Estão secos, por isso não me detenho. Apesar de tudo, apesar da importância deste lugar e destes grãos, não gosto de estar aqui em baixo. Não sei bem porquê, na verdade, é um mistério até para mim próprio. Algo, talvez, sobre a pré-vida, que de certa forma é a morte, embora o Orly me dissesse que estou louco, que este lugar é o oposto da morte. Talvez seja então a estase, a forma como a vida está a ser mantida adormecida. Talvez não tenha nada que ver com as sementes e seja simplesmente o subsolo, ou o frio profundo. Seja qual for a razão, o lugar perturba-me, por isso deixo que as minhas botas chapinhem pelo caminho de volta à superfície.

Subo até ao cume da colina, onde os arbustos dão lugar a uma longa erva, e viro-me para olhar o horizonte. É como se estivesse a olhar para o precipício do mundo. Bem lá ao longe fica a Antártida, mas o que está à minha frente é sobretudo um oceano sem limites, e este precipício é acentuado. Se der um passo na direção errada, caio, e nunca, nem por um momento, sou capaz de o esquecer.

As cabanas de campo ficam entre colinas cobertas de musgo na costa, acessíveis apenas através de um conjunto de tortuosos degraus de metal construídos nas rochas. Demoro o resto do dia a lá chegar. Dormirei aqui esta noite; não viajamos depois de escurecer e, normalmente, não viajamos de todo, exceto em pares. Estou a quebrar uma regra, mas não posso trazer os meus filhos para verem o que me espera. As cabanas são módulos, entregues aqui completamente mobiladas na parte de trás de um navio de carga há muitos anos. A cabana azul (assim chamada por causa da sua porta azul) é a mais próxima, enquanto a cabana vermelha fica um pouco mais à frente e mais perto da água. Em tempos, viveram nelas quatro cientistas. Agora, as cabanas estão vazias. Em tempos houve uma terceira, cuja porta era verde.

A cabana azul é o último sítio onde quero pôr os pés. A mulher inconsciente não vai a lado nenhum tão cedo, mas se acordar pode

acabar por encontrar o caminho até aqui, o que significa que não posso adiar mais isto. Empurro a porta para dentro. Os meus olhos demoram um momento a adaptar-se à escuridão. O cheiro é tão mau que me faz estremecer.

Há dois quartos individuais e passo por eles até à cozinha.

Não é tão sinistra como me lembro, mas é bastante sinistra.

Na mochila trouxe uma escova de esfrega, panos e toalhas, e lixívia. Ponho-me de gatas e começo a limpar o sangue.

FEN

É uma questão de calma. Ela aprendeu isto ao longo de anos passados na água, e é algo em que é boa, uma habilidade que cultivou. Começou porque queria acompanhar as focas sob a superfície — queria que o seu corpo fosse capaz de mais, que fosse como o delas, por isso esforçou-se. Aprendeu a fazer com que as suas expirações fossem mais longas do que as suas inspirações para diminuir o seu ritmo cardíaco. Aprendeu a reduzir o consumo de oxigénio. Aprendeu a suportar a pressão que se transforma em dor, compreende que não há nada a temer da dor. Ela é muito boa com a calma.

Exceto, claro, no que diz respeito ao pai.

Ele é teimoso, rigoroso e inflexível. Recusa-se a falar de tudo. Deixa-a frustrada. E talvez isso seja normal para uma rapariga de dezassete anos, mas Fen aposta que a maioria das raparigas de dezassete anos não tem de lidar com pais que falam com as mães mortas e se recusam a admitir que há um problema nisso.

Fen ama o seu pai. E ama Shearwater, talvez mais do que qualquer um deles, mas consegue ver que, pouco a pouco, a ilha os está a matar.

Ela não dorme muito; é difícil dormir sem paredes ou cortinas nas janelas, e não há muitas horas de verdadeira escuridão em Shearwater nesta altura do ano. Ela levanta-se e nada com os machos e as fêmeas que não estão prestes a dar à luz, estica os pulmões e os músculos, bate as pernas e arqueia-se e segue os caminhos das barbatanas deles, que se

movem com muito mais força e graça do que ela alguma vez conseguirá. *King Brown*, como Alex lhe chamou, faz um *looping* vistoso e termina roçando os bigodes na bochecha dela, como que a dizer «Fazes melhor do que isto?», e ela ri-se por baixo da superfície. *Silver*, uma jovem fêmea, rodeia-a uma, duas vezes, depois passa as barbatanas traseiras pelo cabelo de Fen, desafiando-a. Ela nada atrás da foca pálida e esguia, tentando o seu melhor para a acompanhar — querem fazer uma corrida com ela, mas ela nunca conseguiria ganhar, é demasiado humana e tem de subir à superfície. O rosto de *Silver* aparece ao lado dela e Fen quase consegue imaginar um sorriso; está nos olhos dela, a diversão, o triunfo.

— *OK*, ganhaste — diz Fen. — Pela milionésima vez.

Ela quer ir ver como está a mulher no farol; não consegue parar de pensar nela, naquele corpo que deu à costa e que, de alguma forma, ainda está vivo. Mas na praia ouve uma confusão e sabe o que significa.

Nada até à costa e escolhe o caminho entre a colónia, tentando encontrar a fêmea que é a primeira. Ela está num dos maiores haréns — este é o grupo do *King Brown* —, por isso há muitas fêmeas agrupadas à volta. Fen vê que é a *Freckles*, assim chamada devido às manchas escuras que tem no focinho. Está a abanar-se e a mover-se de forma estranha, inclinando a cabeça para trás e para a frente, e algumas outras fêmeas continuam a tentar baixar as suas caras para o seu rabo, onde há uma pequena forma escura a emergir.

Fen afasta-se, dando-lhes espaço, mas fica pronta para o caso de precisarem de ajudar. Quando vê a placenta romper-se e a cabeça sair, fica preocupada, porque normalmente as barbatanas das crias saem primeiro — os olhos e a boca deste bebé estão fechados e não parece estar a respirar. Mas a *Freckles* abana-se e mexe-se, faz força. Ela vira a cabeça para trás e estende o focinho para o filhote imóvel, lambendo-lhe a cara. Gira em círculos para tentar soltá-lo, faz ainda mais força. Fen fica mais preocupada a cada segundo — o filhote não dá sinais de vida e o parto está a demorar muito tempo. Não tem a certeza se deve tentar ajudar, mas algo a faz esperar.

E logo o pequeno corpo escuro se solta. Cai na areia e mexe-se, levanta a cabeça. Sorrindo, Fen observa a mãe foca a acariciar e a lamber o animal molhado e peludo. Os outros bebés vão chegar agora,

todas as fêmeas vão começar a dar à luz e a praia vai ficar coberta de crias de foca a chorar. É a altura do ano preferida de Fen. É disto que ela mais sentirá falta quando partirem. Sempre veio à praia para a época das crias. Mesmo antes deste trecho inóspito da costa se tornar a sua casa. O seu lugar seguro. Mesmo antes de aprender que há um tipo de medo diferente daquele que se sente quando se sustém a respiração.



O ar de Shearwater está impregnado dos espíritos dos mortos. Fen sabe disso e não se incomoda. Raff não acredita nela, mas, nas horas da verdadeira noite, ela já os viu. Os espectros, luzes verdes tremeluzentes no mar ou nas montanhas acima dela, e até mesmo uma vez bem perto da praia. Ela interroga-se se isso significa que está marcada para um tipo de vida diferente, se é mais uma estranheza que vai garantir que não se integra no continente. Mas ela não tem medo dos mortos. São apenas os vivos que têm o poder de fazer mal.

ORLY

Vamos começar com o maior viajante entre eles, está bem?

No corredor E, fila 34, está o *Taraxacum officinale*. Também conhecido como dente-de-leão. Este encontra-se em todo o mundo, em quase todos os *habitats*. É um sobrevivente. Pode crescer em relvados ou campos, em encostas rochosas ou bosques. Pode ser o primeiro a brotar num novo ecossistema, ou o mais duradouro num antigo.

A história deste dente-de-leão em particular é uma boa história: vais querer prestar atenção.

Começa a sua vida num pomar de maçãs na América do Norte, digamos no Wisconsin. Quase foi pisado tantas vezes, mas a sorte está do seu lado. Como ganha vida no início da primavera, muito mais cedo do que a maioria das flores, é uma importante fonte de alimento para uma série de insetos e aves. O seu pólen é esfregado na parte inferior de uma abelha-corta-folhas, sendo depois transportado para uma fêmea de dente-de-leão. A abelha continua a polinizar muitas outras plantas e flores silvestres nas suas viagens, mas fiquemos por agora com o dente-de-leão. O seu néctar é consumido pelas primeiras borboletas e traças que emergem dos seus casulos. Atualmente, este néctar alimenta também um beija-flor e um pica-pau. À medida que envelhece, a cabeça do dente-de-leão deixa de ter pétalas amarelas-brilhantes e transforma-se numa cabeça de semente ou, como gosto de lhe chamar, numa bola de sopro. As bolas de sopro têm um monte de sementes individuais com pequenos pelos no topo. Estas sementes voam de uma forma que nós,

humanos, nunca tínhamos visto antes de atentarmos no dente-de-leão. Numa tarde amena, as sementes da bola de sopro são levantadas por uma rajada de vento. Algumas delas aterram não muito longe e são devoradas por pardais e pintassilgos. Outras percorrem um caminho diferente para serem comidas por uma codorniz, um peru selvagem e um galo silvestre. Uma é comida por um rato-do-campo, outra por um esquilo.

Mas há uma semente que vai mais longe do que as outras. Esta realmente voa. Atravessa as fronteiras do Minnesota. Flutuando e dançando. Viaja cem quilómetros. Cem! É uma distância impressionante para uma pequena semente, transportada apenas pelo vento. Consegues imaginar? O mais longe que uma semente alguma vez viajou por via aérea.

Mas ainda não está terminado, o que resta deste dente-de-leão. Tem mais para fazer.

Quando aterra no Minnesota, fica mesmo no caminho de um veado-de-cauda-branca esfomeado. A semente do dente-de-leão alimenta o veado até que este último entra no caminho de outra criatura. Um lobo cinzento. Esta fêmea está à procura de comida há muito tempo. Ela devora o veado, tirando carne suficiente para sobreviver durante semanas e partilhando o resto com o seu companheiro e as crias. Isso mantém-na um pouco mais viva numa vida difícil e faminta. Os lobos continuam a caçar juntos, mantêm os veados em movimento e permitem que as plantas e as árvores desta terra cresçam. Mantêm os rios e o solo saudáveis, atraem insetos, mamíferos e aves para o ecossistema. Tornam-no suficientemente saudável para que mais dentes-de-leão brotem e recomecem todo o ciclo.

Mas o dente-de-leão — esta única flor que deu alimento a inúmeros outros seres vivos — é considerado uma erva daninha.